

‘DETERMINANTES’ E ‘DETERMINAÇÃO’ NA TESE DE MARX COMO BASE PARA UMA CRÍTICA À RECEPÇÃO FEITA PELO CAMPO DA SAÚDE COLETIVA

Leonardo Carnut¹

Universidade de São Paulo (FMUSP)

 <https://orcid.org/0000-0001-6415-6977>

E-mail: leonardo.carnut@fm.usp.br

Daniele Correia²

Universidade de São Paulo (FSPUSP)

 <https://orcid.org/0000-0003-1154-4196>

E-mail: daniscorreia@yahoo.com.br

Anna Lúcia Beltrán Marín³

Instituto de Filosofia de La Habana (IF)

 <https://orcid.org/0000-0002-9527-0083>

E-mail: annalidiabeltranmarin@gmail.com

Yohanka León del Río⁴

Instituto de Filosofia de La Habana (IF)

 <https://orcid.org/0000-0002-0684-9414>

E-mail: yohankal@gmail.com

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo criticar a categoria ‘determinantes’ em relação à ideia de ‘determinação’ recepcionadas e/ou apropriadas pelo campo da saúde coletiva latino-americana desde a tese de doutorado de Marx intitulada: “*Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*”. O intuito deste estudo foi demonstrar como a categoria ‘determinantes’ está associada à ideia de causalismo simples e, ainda, como a compreensão da categoria ‘determinação’ em Marx se afasta completamente da ideia de ‘relações determinísticas’. Assim, este artigo se apresenta estruturado em três seções. Na primeira seção se questiona como se desenvolveu o debate sobre ‘*Determinantes sociais*’ ou ‘*Determinação social da saúde*’ no campo da saúde coletiva. Na segunda seção, enfatiza-se à categoria ‘determinação’ na tese de doutoramento de Marx com a finalidade de demonstrar os pressupostos do sistema filosófico epicurista nos quais essa categoria está assentada em contraponto aos pressupostos do sistema democrático que encerra a categoria ‘determinantes’. Por fim, a terceira seção apresenta breves considerações finais sobre este debate.

PALAVRAS-CHAVE: Determinação; Marx; Filosofia Epicurista; Crítica; Saúde Coletiva.

‘DETERMINANTS’ AND ‘DETERMINATION’ IN MARX’S THESIS AS A BASIS FOR A CRITICISM OF ITS RECEPTION BY THE FIELD OF PUBLIC HEALTH

ABSTRACT:

This article aims to criticize the category ‘determinants’ in relation to the idea of ‘determination’ received and/or appropriated by the field of Latin American public health since Marx’s doctoral thesis entitled: “*Difference between the philosophy of nature of Democritus and that of Epicurus*”. The proposal was to demonstrate how the category ‘determinants’ is associated with the idea of simple causalism and, further, how the understanding of the category ‘determination’ in Marx completely distances itself from the idea of ‘deterministic relations’. Thus, this article is structured in three sections. The first section questions how the debate on ‘*social determinants*’ or ‘*social determination of health*’ was developed in the field of public health. The second section focuses on the category ‘determination’ in Marx’s doctoral thesis in order to demonstrate the assumptions of the Epicurean philosophical system on which this category is based, in contrast to the assumptions of the democratic system that includes the category ‘determinants’. Finally, the third section presents brief concluding considerations on this debate.

KEYWORDS: Determination; Marx; Epicurean Philosophy; Criticism; Public Health.

¹Livre-Docente em Ciências Sociais em Saúde pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – SP, Brasil. Professor (a) Associado(a) I. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo – SP, Brasil.

²Doutor(a) em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSPUSP), São Paulo – SP, Brasil.

³Doutor(a) em Pensamento Filosófico Latino-americano pela Universidad Central Marta Abreu de Las Villas (UCLV), Cuba.

Professor(a) Titular. Instituto de Filosofia de La Habana (IF), La Habana, Cuba.

⁴Doutor(a) em Ciências Filosóficas pelo Instituto de Filosofia de La Habana (IF), La Habana, Cuba.

Professora Titular. Instituto de Filosofia de La Habana (IF), La Habana, Cuba.



Introdução

Tem sido muito importante refletir sobre a construção e o desenvolvimento do campo da saúde à luz de referenciais e categorias marxistas. Parece-nos que esse movimento é duplamente necessário, uma vez que o ‘arsenal teórico-metodológico’ do marxismo é amplamente reconhecido por seu rigor acadêmico-científico, isto é, sua capacidade e amplitude de leitura dos processos sociais (via materialismo, história e dialética), bem como, seu comprometimento com a emancipação humana via dissolução das bases materiais e simbólicas do capitalismo.

Para esse campo específico da saúde coletiva, como campo de saberes e práticas sobre a ‘saúde’ vista desde ‘o coletivo’ (como processo social) que se desenvolveu na América Latina, o marxismo é visto, após as décadas de 60-80, como um sistema de pensamento “arcaico” e “ultrapassado”. Na saúde coletiva o marxismo é hoje entendido como um saber muito vinculado a um fazer militante, impregnado de “análises macroeconômicas” que pouco conseguem alcançar a dinâmica e complexidade das relações micropolíticas no âmbito do cuidado em saúde e/ou gestão do cuidado. Outro argumento recorrente no campo da saúde coletiva tem sido atribuir o caráter de “mecanicista” e “estruturalista” a quem se aventura nesses meandros, cujo legado é atribuído a Althusser e seus seguidores, para sempre presentes, e, portanto, “insuperáveis” no marxismo. Sua única serventia séria aquela que se referiria ao financiamento dos sistemas de saúde, denotando explicitamente que a aproximação do campo marxista possível apenas pelo viés econômico (um certo tipo de leitura economicista – e, portanto, equivocada) na análise do passado recente, de matriz econômica *hard*, relacionado à histórica disputa pelo fundo público, capitalismo financeiro e consequências neoliberais.

Se é verdade que este estigma economicista não é apenas uma miopia pouco aprofundada e persecutória da nossa análise, é também verdade que os marxistas (ou a pouca presença deles no Campo da Saúde Coletiva na atualidade), tem contribuído para que isso aconteça. Mas nem sempre foi assim, os trabalhos assumidos por pesquisadores marxistas no campo da saúde coletiva como o de Cecília Donnangelo (*Medicina e Sociedade*), o de Sérgio Arouca (*O Dilema Preventivista*) e o de Jaime de Oliveira (*(Im)previdência Social: 60 anos na história da previdência social no Brasil*) são considerados pedras angulares para o campo da saúde coletiva em nossa opinião. Estas obras são tratados em que esses autores(as), ainda que de forma difusa, e até certo ponto comedida, tentam libertar-se da influência/intermediação althusseriana, gramsciana e quaisquer outros tipos de marxismos possíveis, indo direito à Marx, demonstrando a potência do pensamento marxiano na análise da saúde em seu sentido ampliado.

Contudo, uma querela mal resolvida no campo da saúde coletiva e que, volta-e-meia ressurge, trata-se do debate entre duas categorias aparentemente homônimas, mas cujo significados/conteúdos são muito diferentes. Trata-se do debate entre as categorias ‘Determinantes’ e ‘Determinação’ e seus usos, abusos e desusos no campo da saúde coletiva. Esse debate data da década de 1970 mas com o avanço do campo da saúde coletiva, sua institucionalização e novas gerações de pesquisadores, esse conteúdo foi se perdendo ao longo do tempo, ao passo que hoje vive-se um apagamento histórico (que considero proposital) sobre as raízes marxistas desta discussão. Este fenômeno é tão evidente que, hoje, é hegemônico no campo da saúde coletiva o entendimento, grosso modo, de que: a) ‘determinantes’ e ‘determinação’ são sinônimos (ou, então, são termos intercambiáveis) e b) os ‘determinantes’ estão relacionados com uma visão ampla/integral e/ou total (ou totalizante) de um processo social e que determinação é apenas a atuação dos determinantes (cada uma sua vez) nos corpos dos sujeitos.

Partindo-se da compreensão que estes entendimentos estão em desacordo com o que Marx apresentou em sua tese, o objetivo deste artigo é criticar a categoria ‘determinantes’ em relação à ideia de determinação apropriadas pela saúde coletiva latino-americana desde a tese de doutorado de Marx intitulada: “*Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*”. O intuito é demonstrar como a categoria ‘determinantes’ está associada à ideia de causalismo simples e como a compreensão de

‘determinação’ em Marx nos autoriza a dizer que essa categoria se afasta completamente da ideia relações determinísticas.

Logo, este artigo está estruturado em três seções. A primeira se questiona como se desenvolveu o debate sobre ‘*Determinantes sociais*’ ou ‘*Determinação social da saúde*’ no campo da saúde coletiva. A segunda recorre a categoria ‘Determinação’ na “*Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*” de Marx. Por fim, a terceira apresenta breves considerações finais sobre este debate.

Determinantes sociais ou Determinação social da saúde?

A ideia ‘determinação’ é central para entender a saúde e como ela vem sendo reivindicada com o quadro teórico hegemônico na saúde coletiva latino-americana. Sociologicamente falando o termo ‘determinação’ vem desta capacidade que as instituições/estrutura social têm em ditar as regras, normas, valores, ideologias, pensamentos, enfim, as formas de expandir ou constranger as relações sociais entre os sujeitos (Giddens, 2000, p. 96; Canesqui, 1995, p. 71). A determinação é um efeito concreto da estrutura social nos sujeitos e seus agenciamentos mas que, ao mesmo tempo, não é absoluta. Quando as instituições ou a estrutura social são muito ofensivas e penetram com muita intensidade em todas as relações sociais existentes no cotidiano dos sujeitos, elas sufocam a vida em sociedade e constroem em demasia as relações/interações sociais. Se as instituições fossem assim, tão “pesadas”, não haveria lugar para a liberdade e nem para o livre arbítrio. Por isso que o contraponto da determinação seria a ‘construção’ social de novas realidades interacionais (Berger, 2007, p. 109; Luz, 1995, p. 83).

A relação contraditória entre ‘determinação-construção’ social é a que habita a cotidianidade das relações sociais. Se, como dito anteriormente, as relações sociais são produzidas por ‘sujeitos em interação’ socialmente posicionados em ‘status sociais’, há uma mudança possível por meio da construção social de outras relações de interação que preconizem posições e comportamentos diferentes. A ideia da ‘construção social’ como uma alternativa à ‘determinação social’ demonstra que, mesmo sob o peso das instituições e sob a lentidão da cadência dos tempos históricos, a mudança social é possível, pois em última instância quem produz as relações sociais somos nós (Weber, 2001, p. 108).

É neste sentido que podemos falar em determinação social da saúde, como também na construção social de uma nova saúde (Tavares, 1997, p. 77). Ao se pensar a saúde das coletividades, o papel que joga o par ‘determinação-construção’ nos demonstra o quanto isto é verdadeiro. Por exemplo, se antes entendíamos a saúde e a doença como conceitos estáticos – e até dicotômicos (ou seja, uma pessoa só pode estar saudável, se não está doente) –, agora se entende a saúde e a doença como um processo dinâmico (por exemplo, um diabético pode estar saudável caso esteja controlado, mas ele ainda não deixa de ser um diabético). Se há uma constante determinação do que compreendemos sobre o que é saúde, podemos, sem dúvida, construir uma outra forma de pensar e fazer saúde nas relações sociais. E, é neste sentido, que a determinação pode ser pensada do ponto de vista sociológico, mas claro, nunca sem seu par dialético – a construção.

A ideia de determinação não é uma exclusividade do pensamento sociológico. A filosofia, desde Aristóteles, pensa nos processos de relação social do ponto de vista entre ser humano e realidade, homem e natureza, sujeito e objeto (Durozoi, Roussel, 1993, p. 75; Marcondes, 2014, p. 71). A origem filosófica da ideia de determinação advém das discussões sobre o papel do ‘determinismo’ enquanto corrente filosófica de produção de saber sobre o mundo e, ainda, como os seres humanos poderiam ser visto como um objeto (ou predicado) na concepção da história natural – um produto do conhecimento (Hessen, 1999, p. 30).

O determinismo compreende que todas as coisas que existem, assim o são porque existe uma ‘causa primeira’. Neste sentido, determinismo está intimamente ligado ao causalismo. Este tipo de relação causal entre ‘causa-e-efeito’, ou ainda, premência-existência, moldam a ideia de que: 1) uma rede de causalidade existe; 2) efeitos simples terão causalidades simples e efeitos complexos, por lógica,

causalidades complexas, e por fim, 3) a busca pelas ‘causas primeiras’, ou, ainda, a causa das “causas” deveria ser buscada, justo por que aí residiria a origem das coisas (Durozoi, Roussel, 1993, p. 26; Marcondes, 2014, p. 72). Este tipo de pensamento habita toda a lógica científica, inclusive até os dias de hoje. É assim que se justifica, por exemplo, a busca da origem do universo (nas ciências físicas), a busca pela origem das doenças (nas ciências da saúde)⁵ e a busca pela gênese da sociedade (nas ciências sociais).

O determinismo compreende que, operando na gênese das causas, um efeito em cadeia pode ocorrer que pressionaria as consequências de cada uma das causas a de se reorganizarem ou a se desfazerem. É baseado nesta premissa que o determinismo pode ser visto como uma ideia que se baseia na figura imagética de uma teia ou de um conglomerado de eventos interligados que sugerem, ou ainda, inspiram os pensadores da sociologia de modo geral que os fundamentos filosóficos propostos pelo determinismo ajudam a compreender as relações sociais em um ‘todo’ articulado⁶, cuja mudança social dependeria da possibilidade de encontrar os elos causais entre as causas primeiras e suas consequências nas relações que delas podem advir.

É com base nestas premissas expostas que o pensamento sobre os ‘determinantes’ teve tamanha penetrabilidade no campo da saúde coletiva para pensar em que medida a saúde e a doença (como processos sociais que são) podem ser modificadas estruturalmente nas sociedades capitalistas contemporâneas avançadas nas situações em que a própria instituição Saúde, com seus ritos, cultura e técnicas altamente desenvolvidas não conseguiam mais dar respostas condizentes às mudanças sociais que se refletiam nos padrões epidemiológicos cada vez mais complexos, superpostos e de difícil enfrentamento coletivo (Adam, Herzlich, 2010, p. 51; Antunes, 2008, p. 563; Almeida-Filho, 2011, p. 17).

Assim sendo, a compreensão de ‘determinantes’ carrega consigo um tipo de compreensão sociofilosófica de que as condições da estrutura social mais ampla como ‘condições político-econômicas’, nas sociedades complexas, são as principais responsáveis por ‘determinar’ o processo de salubridade-adoecimento dos coletivos (Buss, Pelegrini-Filho, 2007, p. 79) e dos corpos (Andrieu, 2004, p. 90; Dagognet, 2012, p. 21). Elas, portanto, seriam as causas primeiras. Na tentativa de elucidar esta cadeia causal, Dalgren e Whitehead, consolidaram os “determinantes” de forma hierárquica em que, grosso modo, pode-se compreender a relação ‘em cadeia’ da determinação social da saúde, de cima para baixo. Em cima, as condições político-econômicas (consideradas como ‘determinantes distais’ – em uma analogia anatômica entre o que está perto ou longe de uma “linha média”) seriam as condições gerais que determinam as condições de vida e de trabalho, a educação, o saneamento, o meio-ambiente, e o próprio acesso aos serviços de saúde (considerados determinantes intermediários). Estes últimos por sua vez determinariam as condições intersubjetivas como as redes de apoio e aspectos comunitários que poderiam atuar protegendo ou estimulando o processo saúde-doença (determinantes proximais). Por fim, estes determinantes proximais se expressariam no corpo biológico de maneira distinta a depender das condições biológicas dos indivíduos (sexo, idade, genética/hereditariedade etc.) (Buss, Pelegrini-Filho, 2007, p. 80).

Este modelo proposto por Buss e Pelegrini-Filho (2007, p. 81), amplamente utilizado para elaborar a ideia da Nova Promoção da Saúde (Carnut, Mendes, Guerra, 2023, p. 7), foi complementado e revisto por outros autores como Diderichsen, Evans e Hallqvist. Mesmo sob a tentativa de melhorar a compreensão da rede de causalidade dos determinantes sociais e, ainda, realizar ajustes, o modelo vem sendo constantemente passível de críticas. A crítica mais fecunda e que tem sido constantemente repetida é o fato da visão fortemente funcionalista-positivista que o esquema apresentado pelos autores enseja. Mesmo não tendo sido uma intenção inicial de gerar esta compreensão ‘esquemática’, a crítica tem se dirigido ao fato de que a vida em sociedades complexas não cabe em esquemas reducionistas

⁵ A lógica do ‘causalismo simples’ que decorre do ‘determinismo’. Esse determinismo admite que, ao se intervir na causa das causas, os demais efeitos subsequentes se ‘desfariam’ ou não aconteceriam. Portanto, descobrir as causas das causas da doença significa (dentro de uma visão determinista-mecanicista, por certo) o seu contrário, ou seja, lograr a saúde.

⁶ Um ‘todo’ (ou um *holos*) que se articula apenas *mechanicamente*, e não organicamente. Ou seja, a soma das partes se articulam na compreensão de um todo.

como este. Ademais, a organização dos “determinantes” de maneira contígua permite uma compreensão equivocada de que eles atuam mais como ‘fatores’ isolados (como costumam ser apreendidos pelos modelos epidemiológicos-estatísticos) que fragmentam a sociedade destituindo a ideia da ‘relação-entre’. Isto permite uma sorte de ‘fetichizações’ sobre os ‘fatores’ nos quais a comunidade científica passa a coisificá-los como os responsáveis pela causa do processo saúde-doença ao invés de focar a produção das relações sociais que geram tais fatores.

Em contraponto à ideia de ‘determinantes’, uma vertente crítico-marxista tem advogado pelo resgate⁷ da categoria ‘determinação’ como forma dar acento aos aspectos sociológico-relacionais da categoria e recolocar as bases filosóficas do debate sobre os limites e possibilidades do determinismo como fundamento do pensamento científico moderno. Na perspectiva da ‘Determinação’, toda relação social é originada pela forma na qual os seres humanos interagem com a natureza e, também entre si. Nesta relação, o processo – entendida como “uma sequência de eventos”, ou em breves palavras, em “sua historicidade” – são mais determinantes do que visão estática de ‘fatores que atuam’. Logo, a crítica dos marxistas à ideia de determinantes além de estar relacionada a pretensa a-historicidade das relações, ainda se assenta no fato de que os determinantes atuam como ‘fatores de confundimento’ que obscurecem a relação sócio-histórico que importa e o que realmente determina as relações sociais modernas que é relação capital-trabalho (Catani, 2007, p. 100; Huberman, 1986, p. 26).

Assim sendo, os que defendem a ideia da Determinação Social da Saúde, compreendem que a vida nas sociedades modernas está definida a priori por relações de produção capitalistas e que destas relações sociais emergem formas institucionais que atuam produzindo – e, especialmente, reproduzindo – as relações sociais de exploração do ‘trabalho’ humano. Neste sentido, as práticas institucionais da saúde assim como os processos saúde-doença são relações sociais processuais e peremptórias que tendem a reproduzir as relações sociais de produção em mistos diversos de experiências e conformam, inculcando, as subjetividades, e, encarnam no corpo biológico como expressões do corpo às injúrias que a relação social pode causar a depender a posição social (classe social) do sujeito no ato da interação (Haber, Renualt, 2007, p. 19; Ávalos-Tenório, 2022, p. 121).

Para os autores que estudam pela ótica da determinação (Breilh, 2006, p. 191; Samaja, 2000, p. 53; López-Arellano, 2013, p. 152), a relação micro-macro não faz muito sentido, já que, sociologicamente, a conformação das relações macrosociais (supraestruturais) dependem do micro (estruturais) e delas são produtos e produtoras ao mesmo tempo. Outra crítica frequente se trata do fato de que as ‘camadas de determinantes’ não partiriam da esfera das instituições já formadas/“acabadas” (ahistoricizando-as), mas, sim, das relações sociais ‘concretas’, ou da materialidade objetiva. Neste sentido, os autores que defendem a ideia de ‘determinação’ consideram que a expressão social da saúde e da doença não pode ser desvinculada do modo de produção no qual se vive a vida, já que a interação social é a própria vida em existência dos seres humanos. Assim, ao pensar desta maneira, se evitaria a fragmentação e se reforçaria a visão de totalidade orgânica⁸ (Müller, 2025, p. 1) que vem se desfazendo na insistência da ideia de ‘causação simples’ (Breilh, 2006, p. 113).

Este ainda é um debate em aberto. Há os que defendem a proposta dos determinantes, como também há os que defendem a ideia de determinação. Ainda que haja membros da comunidade científica digam que este é um debate superado (Ianni, 2021, p. 2), em tempos de crise social aguda e dúvidas sobre processos históricos vindouros parece reaquecer o debate demonstrando a pertinência e necessidade de revisita aos termos determinantes/determinação, caso se deseje repensar saídas viáveis à crise capitalista contemporânea (Roberts, 2006, p. 222) e o lugar que a saúde/doença se encontram nesta quadra histórica.

⁷ Aqui usou-se o termo ‘resgate’ por que se entende que o campo da medicina social/saúde coletiva latino-americana em seu início (anos 1970) debatia este tema com mais intensidade baseando-se no conteúdo marxista de suas premissas. Neste período o termo ‘determinação’ fazia parte do escrutínio teórico do campo. Após os anos 1990, isso mudou. Com o avanço do neoliberalismo, a compreensão sobre ‘determinantes’ avança, fragmentando o debate e insistindo no abandono da categoria ‘trabalho’ (que dava sustento ao debate da ‘determinação’).

⁸ O conceito de totalidade que interessa aqui está relacionado com a unidade do mundo tal como é pensado de forma mediada, não com a unidade tal como é diretamente vista ou sentida.

Em 2021, um debate polêmico entre grandes pesquisadores na área da saúde coletiva povoou o imaginário social dos científicos. Para Minayo (2021, p. 6), a ideia de ‘determinação’ estava superada. A autora claramente se posicionava a favor da ideia de ‘determinantes’ argumentando que as soluções para sociabilidade capitalista da modernidade tardia (Vandenberghe, 2014, p. 268), vem apontando o esgotamento da compreensão da centralidade capital-trabalho e abrindo novos rumos a sociabilidades que agudizam a individualização social e a mescla de outras formas de autoidentificação e particularidades que reforçariam o papel da agência dos indivíduos em detrimento a processos sociais mais gerais (ou “determinados”) pela exploração social do trabalho. Assim, Minayo contundentemente afirmou: “determinação NÃO!”, frase que intitulou seu artigo e abriu polêmica com o campo mais fiel às insígnias originais da medicina social latino-americana e da saúde coletiva brasileira.

Na defesa, Breilh (2021, p. 1) e Almeida-Filho (2021, p. 1) demonstraram porque a Determinação Social é válida – inclusive mais do que nunca – para pensar o processo saúde-doença na atualidade. Assim os autores vão no cerne da questão. Para os autores, Minayo (2021, p. 6-7) incorre em algumas falácias filosóficas sobre o que significa o determinismo enquanto forma de existência do ‘ser’. A ideia de orientar o pensamento lógico pela perspectiva sujeito-predicado é, em si, pensar em “relação”. Assim, já de partida, o causalismo simples – no qual Minayo critica o entendimento dos marxistas, reduziria a ideia de pluralidade de relações. Mas na realidade, a ‘determinação’⁹ (Breilh, 2006, p. 165; Correia, Mendes, Carnut, 2022, p. 10; Correia, Carnut, Mendes, 2023, p. 4) que o marxismo se utiliza não parte do causalismo proveniente do determinismo filosófico, e sim, parte da crítica que Marx faz ao determinismo adotado como hegemônico nas ciências físicas, em especial nos estudos de atomística de Demócrito.

Na tese de Marx – “*A Diferença da Filosofia da Natureza entre Demócrito e Epicuro*” (Marx, 2016, p. 30) – Marx, nos estudos do decaimento dos átomos, percebe que nem na “natureza” (como nos átomos) há determinismo, porque durante os decaimentos dos átomos alguns seguem trajetória retilínea e outros decaem em ricochete. Para homogeneizar o entendimento do decaimento, Demócrito considera o estágio final (estático) dos átomos enquanto Epicuro segue a trajetória do decaimento. Assim, Marx percebe que o determinismo (“a” gera ‘b’) não é uma possibilidade “fechada” e sim uma porta aberta a várias possibilidades em que o ‘b’ poder ser ‘b’ ou não. Assim, Marx forja o rudimento da ideia de ‘determinação’ para depositar ênfase no processo entre a e b como história aberta a múltiplas possibilidades de efeitos. É a partir desta ideia que a compreensão de determinação social na perspectiva marxista é usada para pensar a determinação social da saúde e não no determinismo filosófico mais corrente. Vejamos a seguir nas palavras de Marx, o que ele detalha sobre o assunto.

‘Determinação’ na “*Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*”

De fato, a ideia de determinantes parece advir da compreensão sobre o ‘determinismo’ como forma de entender o procedimento filosófico de constituição e busca da origem das causas. Mas, a rigor, se formos ao texto marxiano¹⁰ encontraremos respostas filosóficas mais precisas a respeito. Na sua tese de doutorado, nomeada “*Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*”¹¹ (Rauch e Taufer, 2019, p. 1), Marx vai desenvolver o início do seu pensamento a partir da crítica à lógica do causalismo simples ao comparar essas duas filosofias da natureza. Neste sentido Marx, expõe o objeto de sua análise (objeto do tratado), partindo de início, de uma defesa da filosofia epicurista diante das críticas feitas à Epicuro e à filosofia pós-aristotélica (Collin, 2006, p. 17; Oliveira, 2008, p. 225; Silva, 2024, p. 15) de sua época:

⁹ Poucos são os estudos no campo da saúde coletiva reconhecem o valor da tese de Marx em seu entendimento sobre determinação.

¹⁰ Preferimos usar o termo ‘texto marxiano’, do que o termo ‘texto do Jovem Marx’. Defendo a ideia de que não faz muito sentido a separação entre Marx Jovem e Maduro (a não ser para fins didáticos-cronológicos exclusivamente).

¹¹ A tese não é um corpo literário único em razão de ter sido encontrada incompleta.

Epicuristas, estoicos e céticos são encarados como um suplemento quase inconveniente, totalmente desproporcional a suas formidáveis premissas. A filosofia epicurista seria um agregado sincretista composto de física democrática e moral cirenaica; o estoicismo, uma fusão de especulação heraclítica sobre a natureza, de cosmovisão moral cínica e talvez também de lógica aristotélica; e, por fim, o ceticismo, o mal necessário com que se defrontaram esses dogmatismos... (Marx, [1841] 2018, p. 30)

Ora, Marx aqui vai contra a ideia de retrocesso (XyH, 2022, p. 103) que carregava a filosofia epicurista (tanto antes quanto depois de Hegel), já que, leituras muito rápidas de Epicuro, à época, considerava-o como um ‘filósofo da fruição sensual’¹² e que, por isso, o teor de verdade de sua filosofia era frequentemente questionado. Como coloca Albinati (2005, p. 4), o ponto de partida de Marx é a observação de que, embora os dois filósofos, Demócrito e Epicuro, professem a mesma ciência – o atomismo –, eles se distinguem radicalmente no que diz respeito à verdade. Albinati (2005, p. 25) ainda reforça que Marx está se referindo às escolas helenísticas¹³ (Pike, 2001, p. 125; Mansukhani, 2024, p. 235; McIvor, 2008, p. 398; Rancadore, 2024, p. 185; Planinc, 1987, p. 111) como “momentos da autoconsciência”, dizendo que no seu conjunto, o epicurismo, o estoicismo e o ceticismo integrariam ‘a estrutura completa da autoconsciência’. Embora esse projeto de Marx tenha sido abandonado muito cedo, é significativa a indicação do autor sobre o propósito de seu trabalho, o interesse pelo tema da *autoconsciência*, colocando-o em consonância com os propósitos do *idealismo ativo*. Vejamos o que Marx descreve sobre sua escolha:

Escolhi como exemplo a relação entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro. Não acredito que se trate do ponto de partida mais cômodo, pois, por um lado, é preconceito antigo e arraigado identificar a física democrática com a física epicurista, de modo a ver as mutações de Epicuro apenas como ideias que lhe ocorreram arbitrariamente; por outro lado, no nível do detalhe, sou forçado a abordar aparentes micrologias. E, por ser o referido preconceito tão antigo quanto a história da filosofia, por serem as diferenças tão escondidas que praticamente só se revelam ao microscópio, tanto mais importante será demonstrar uma diferença essencial, que chega à minúcia, entre a física democrática e a epicurista, apesar de sua interconexão (Marx, [1841] 2018, p. 32).

Mesmo com a diferença entre as filosofias da natureza de Demócrito e a de Epicuro serem rapidamente “visíveis ao olho nu”, Marx ressalta que algo essencial as une. Nesse sentido, Marx vai considerar as dificuldades de demonstração quanto à identidade da filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro: as partículas essenciais da natureza – átomos e vácuo – (Dolar, 2013, p. 12) mas que, de resto tudo é diametralmente oposto. Segundo adverte que:

Além dos testemunhos históricos, muitas outras coisas falam a favor da identidade da física democrática e da física epicurista. Os princípios – átomos e vácuo – são inquestionavelmente os mesmos. Somente em determinações individuais parece reinar a discrepância arbitrária e, por conseguinte, não essencial. Isso nos confronta com um enigma curioso, insolúvel. Dois filósofos ensinam exatamente a mesma ciência, do mesmo modo, mas – que incoerência! – em tudo se posicionam de maneira diametralmente oposta no que se refere à verdade, à convicção, à aplicação dessa ciência, no que diz respeito à relação entre ideia e realidade de modo geral (Marx, [1841] 2018, p. 37).

Essa oposição se encontra especificamente nas bases filosóficas do pensamento epicurista. Parente de Barros (2019) explica que, à época, existiam dois tipos de filosofia: uma que distingue a alma (a psique) da matéria e outra que explica a psique integrada à realidade material

¹² Sensual no sentido de *sensível* ou, ainda, na ideia de *sensibilidade* (como *sensualidade*).

¹³ Estudos afirmam que os esforços práticos e teóricos de Marx para reconciliar a forma da sociedade especificamente burguesa e a questão da sociedade humana só fazem sentido com base em suas tentativas muito iniciais de teorizar essa relação através do prisma da filosofia helenística.

(materialismo)¹⁴ (Hidalgo Tuñón, 2006, p. 2; Stanley, 1995, p. 134; Bartels, 2020, p. 32; Кузнецов, 2018, p. 106; Rockmore, 2018, p. 64). A produção do saber filosófico era, portanto, distinta entre dois tipos de produção do conhecimento: um obtido primariamente por meio dos sentidos, mas esses com origem também nos conceitos, que juntamente com os sentimentos ou sensações internas constituiriam as formas de conhecimento. Esse primeiro tipo é caracterizado por sua transitoriedade e tem a alma como partícipe. Já o outro tipo busca um critério diferente para sua precisão. Com o intuito de encontrar um conhecimento que apreenda a permanência dos acontecimentos e prove a necessidade¹⁵ dos mesmos (Moura, 2005, p. 143; Van Ree, 2020, p. 278), este tipo de produção do conhecimento se atém à necessidade relativa diante da existência fenomênica. A distinção entre esses dois tipos de conhecimento, a que essas duas formas descritas de experiência de mundo serviriam, haveriam de ser definidos dois tipos de atividade: a atividade teórica, sendo aquela que busca desconsiderar as irregularidades e contingências em busca do que acontece necessariamente de uma maneira e não de outra, e a atividade prática ou a aplicabilidade técnica, sendo esta própria para lidar com as situações consideradas difíceis (transitoriedade, contingência). Assim, a filosofia de Epicuro toma como critério básico para o fazer filosófico que a verdade sem as amarras da permanência, da constância e da necessidade, serve-se melhor à boa filosofia, já que ele concebe a contingência e a indeterminação como parte integrante da realidade (Perente de Barros, 2019, p. 298). Logo, diante desta explicação, é possível entender melhor a posição inicialmente material de Epicuro em relação à Demócrito. Como coloca Cordeiro (2022, p. 513), o materialismo de Epicuro pode, assim, ser encontrado na crítica religiosa formulada por este e que seguirá Marx daí por diante. Para Epicuro, o material é a absoluta imanência e a autodeterminação do ser por si. Vejamos o que Marx aponta sobre aparência (empírica)¹⁶ (Pessoa Júnior, 2009, p. 55) e manifestação objetiva (material) em Epicuro:

Porém, enquanto Demócrito converte o mundo sensível em aparência subjetiva, Epicuro o transforma em manifestação objetiva. [...] Portanto, sendo a percepção sensível o critério de Epicuro, corresponde-lhe a manifestação objetiva (Marx, [1841] 2018, p. 40-41).

Logo, como afirmam Raucher e Taufer (2019, p. 3), tudo se passa como se Demócrito assumisse que a aparência do mundo sensível é subjetiva, pois os verdadeiros princípios são o átomo, e o vácuo e tudo o mais é opinião. O fato é que a dogmática¹⁷ de Epicuro (Pessoa Júnior, 2009, p. 55) toma o mundo como manifestação objetiva. Afinal, nada pode contradizer as sensações. Assim, diante a identidade das filosofias da natureza (átomo e vácuo), parte-se daí toda a diferença entre as duas filosofias. A diferença fundamental entre a atomística de Demócrito e Epicuro é revelada quando Demócrito emprega a necessidade como fonte da causalidade e Epicuro considera que o acaso também pode ser definidor da relação de causalidade. Gondim e Pinto (2021, p. 19) ao analisar a obra também afirmam que “o conceito de necessidade de Demócrito deixa de se diferenciar do acaso precisamente onde começam o universal e o divino. Então, é historicamente correto afirmar que Demócrito faz intervir a necessidade” como determinante. Nesse sentido, a ‘necessidade relativa’¹⁸ é, em última instância, orientadora do que está determinado, ou ainda, é causa determinante (Vieira, 2017, p. 344). Segundo Marx:

O que está, portanto, assegurado do ponto de vista histórico é isto: Demócrito emprega a necessidade; Epicuro, o acaso; e cada um deles rejeita a concepção oposta com exasperação

¹⁴ ‘Materialismo’ significa coisas diferentes dependendo do contexto. As diferentes concepções de “matéria” deram origem a uma grande variedade de sistemas materialistas. Materialismo filosófico é a posição filosófica crítica que considera a matéria como começo, origem e causa de tudo o que existe.

¹⁵ A necessidade é a categoria forte para Demócrito. Enquanto para Epicuro, a necessidade não existe e sim o acaso. Em decorrência desta diferença, frente aos fenômenos físicos Demócrito explica tudo pelo determinismo (etiologia) e Epicuro pela possibilidade.

¹⁶ Compreende-se por ‘empírico’, ou ‘empirismo’, aquilo que, dentro do debate da filosofia da ciência, é entendido pela posição do observável como preditor da verdade. Ou, ainda, que observação do fenômeno, desprovida de teorização, deve ser a principal fonte do conhecimento.

¹⁷ Ter uma posição ‘dogmática’ é, no estudo da ciência, optar pela teorização das causas ocultas (ou não-aparentes) ou, ainda, partir do pressuposto de que é possível um conhecimento seguro dos princípios e as causas ocultas de um fenômeno aparential.

¹⁸ Necessidade relativa é a necessidade em ‘relação-a’, ou seja, não há necessidade que não seja relacional. Se, assim é em Demócrito, não é possível uma necessidade que não seja determinada por outro pólo da relação (por isso, que não seja vista como determinista).

polêmica. A principal consequência dessa diferença se manifesta no modo de explicar os fenômenos físicos individuais. A saber, a necessidade se manifesta na natureza finita como **necessidade relativa**, como **determinismo** (Marx, [1841] 2018, p. 51) [grifos nossos].

É neste ponto onde é vista a compreensão do determinismo de Demócrito sobre a sucessão causal. É interessante perceber que a sucessão entre ‘causas-e-efeitos’ (ou causa, da causa, da causa..., e assim por diante) não pode ser uma relação baseada no determinismo simples de maneira absoluta (Moura, 2025, p. 143). Esse argumento será criticado por Marx, que irá demonstrar como que, sem uma realidade sensível¹⁹ (Damásio, 2018, p. 106) que ultrapasse a mera empiria²⁰ do fato (Marx, 2018, p. 118), não há como sequer demonstrar a relação (e, portanto, a necessidade relativa). Marx explora esse argumento da seguinte maneira:

Quando alguém tem sede, bebe algo e fica bem: Demócrito não citará como causa disso o acaso, mas a sede, pois, mesmo que aparentemente tenha empregado o acaso na criação do mundo, ele afirma que este não é causa de nada em particular, mas deriva tudo de outras causas. Assim, por exemplo, o ato de cavar é a causa da descoberta do tesouro ou o crescimento é a causa da oliveira (Marx, [1841] 2018, p. 51).

Essa última afirmação demonstra o quão sem sentido é a relação causal simples que o determinismo epicurista advoga. Essa é a crítica ao causalismo simples que Marx faz a Demócrito. Marx afirma que, Epicuro, ao considerar o acaso como um definidor a mais da causa, ele abre a chance da possibilidade para além da necessidade relativa, ou seja, a possibilidade de abertura de atos consequenciais que não dependem de uma necessidade mesma, ou, em outras palavras está fora do processo determinístico simples. Marx disserta que:

Epicuro, mais uma vez, assume uma posição diretamente oposta à de Demócrito. O acaso é uma realidade que só tem valor de possibilidade. Mas a possibilidade abstrata é justamente o antípoda da real. Esta última está restrita a limites precisos, como o entendimento; a primeira é irrestrita, como a fantasia. A possibilidade real procura fundamentar a necessidade e a realidade de seu objeto; a possibilidade abstrata não trata do objeto que é explicado, mas do sujeito que explica. O objeto só precisa ser possível, pensável (Marx, [1841] 2018, p. 52).

Assim sendo, a possibilidade abstrata é que pode ser a definidora do acaso como multiplicidade de possibilidades, já que o sujeito que explica o objeto desta sua capacidade pensável e não objeto se explica em si. Neste sentido, Demócrito defende que a explicação do objeto depende da necessidade relativa e que há uma causa determinada entre necessidade²¹ para com o objeto (Reyes, 2021, p. 23). Esse determinismo é justo o que Epicuro combate. Para ele a possibilidade abstrata é quem pode proporcionar ao objeto em seu modo de existência, pois a pluralidade da explicação proporcionada pela razão humana é quem livra o objeto da “causa determinística”. Neste ponto, Marx expõem o antagonismo de visões:

Vemos, portanto, os dois homens se contrapondo, passo a passo. Um deles é cético, o outro é dogmático; um considera o mundo sensível como aparência subjetiva, o outro, como manifestação objetiva. Aquele que considera o mundo sensível como aparência subjetiva apoia-se na ciência natural empírica e em conhecimentos positivos e representa a inquietude da observação experimentadora que aprende em toda parte e que digressa para a vastidão. O outro, aquele que considera como real o mundo que se manifesta, despreza a empiria; ele corporifica a

¹⁹ É importante notar que o *sensismo* de Epicuro, ou seja, a tomada da percepção sensível (αἴσθησις) como “critério da verdade”, servirá como o ponto de partida para o materialismo de Marx.

²⁰ Para Marx (2018 [1841], p. 118), Epicuro afirma que: “Qualquer explicação já é suficiente, desde que o mito seja afastado. E será afastado quando, acompanhando os fenômenos, deduzimos deles o invisível”.

²¹ Epicuro argumenta que é uma desgraça viver na necessidade, mas não é uma necessidade viver nela. Do exposto conclui-se que Demócrito recorre à natureza, responde às leis, é objetivo e determinista, e Epicuro se reveste da liberdade, isto é, do livre arbítrio e da subjetividade, portanto é indeterminístico.

tranquilidade do pensamento satisfeito consigo mesmo, a autonomia que *ex principio* haure seu saber de dentro de si mesma. Porém, a contradição atinge um plano ainda mais elevado. O cético e empírico [Demócrito], para o qual a natureza sensível é aparência subjetiva, analisa-a do ponto de vista da necessidade e procura explicar e apreender a existência real das coisas. Por sua vez, o filósofo e dogmático [Epicuro], para o qual a manifestação é real, vê em toda parte apenas acaso; sua modalidade explicativa tende, muito antes, a suprimir toda a realidade objetiva da natureza. Parece haver certa distorção nesses antagonismos (Marx, [1841] 2018, p. 54).

Neste instante Marx passa para diferença que considera fundamental entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro. Em primeiro lugar, realiza uma rápida crítica à acomodação do pensamento vigente (dos jovens hegelianos) ao pensamento de Hegel, demonstrando o desejo – ainda que pouco elaborado em termos práticos nessa obra – de superar essa filosofia de caráter especulativo. Mas, ainda assim Marx critica:

Se eles de fato estavam tão deslumbrados pela ciência que receberam pronta a ponto de se entregarem a ela com confiança ingênua e acrítica, então quanta falta de escrúpulos é imputar uma intenção oculta atrás da noção do mestre, para quem não se tratava de uma ciência recebida, mas de uma ciência em formação, imbuída de sua própria força vital espiritual até o último capilar. Muito antes, ao fazer isso, eles põem a si mesmos sob suspeita, como se anteriormente não o tivessem levado a sério, e combatem essa própria condição anterior, atribuindo-a a Hegel; porém, nesse mister, esquecem que ele se encontrava em uma relação imediata e substancial com seu sistema, e eles, em uma relação refletida (Marx, [1841] 2018, p. 56).

Irritado com a acomodação dos jovens hegelianos, Marx (2018, p. 56) retoma o argumento de que “...é concebível que um filósofo incorra em uma ou outra aparente inconsequência em decorrência desta ou daquela acomodação”, mas que é a “crítica que mede a existência individual pela essência e a realidade específica pela ideia” (Marx, [1841] 2018, p. 57) e, portanto, “no momento em que a filosofia na condição de vontade se volta contra o mundo fenomênico, o sistema se rebaixa à condição de totalidade abstrata” (Marx, [1841] 2018, p. 57). Esta é uma crítica direta a incapacidade reflexiva daqueles filósofos que defendem Demócrito e sua visão aparente subjetiva da realidade empírica. Para Marx, filosofar é criticar, e, portanto, ver além das aparências (fenomênicas) e pensar em suas essencialidades. Por isso, Marx expõe que: “tornar-se filosófico do mundo é concomitantemente um tornar-se mundano da filosofia” (Marx, [1841] 2018, p. 57-58). Assim, pensar para além da empiria dos fatos é o que faz do ‘pensável’ ser explicativo do mundo fenomênico (Balaban, 1989, p. 33). Quando a explicação do fato é meramente cósico (restrito à coisa) só há o aprisionamento do pensamento às causalidades determinísticas. Assim, Marx reforça que a autoconsciência nestas duas filosofias tende a um caráter duplo e:

contraposta de modo extremo – uma, o partido liberal [Em Epicuro], como podemos chamá-lo de modo geral, retém como determinação principal o conceito e o princípio da filosofia, enquanto a outra retém como tal seu não conceito, o fator da realidade [Em Demócrito]. Essa segunda tendência é a filosofia positiva. O ato da primeira é a crítica e, portanto, exatamente o voltar-se para fora da filosofia, sendo o ato da segunda a tentativa de filosofar e, portanto, o voltar-se para dentro de si da filosofia, ao tomar ciência da deficiência como algo imanente à filosofia, ao passo que a primeira a compreende como deficiência do mundo a ser tornado filosófico. Cada um desses partidos faz exatamente o que o outro quer fazer e o que ele próprio não quer fazer. Porém, a primeira tendência, em sua contradição interior, tem consciência do princípio em geral e de sua finalidade. Na segunda aparece a distorção e, por assim dizer, o desvario, como tal. Em termos de conteúdo, apenas o partido liberal, por ser o partido do conceito, está em condições de produzir progressos reais, ao passo que a filosofia positiva só consegue apresentar exigências e tendências cuja forma contradiz seu significado (Marx, [1841] 2018, p. 58-59).

Na segunda parte, Marx vai expor a diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro em termos específicos, primeiramente iniciando com a declinação²² do átomo (*clinâmen*)²³ da linha reta (Teixeira Filho, 2011, p. 68). Marx expõem que Epicuro assume um movimento triplo dos átomos no vácuo: a) o da queda em linha reta; b) o do desvio da linha reta; e c) o da repulsão dos muitos átomos. Demócrito comunga com Epicuro a assunção do primeiro e do último movimento, diferindo dele quanto à declinação do átomo da linha reta (Marx, [1841] 2018, p. 71). Para Epicuro a declinação para fora de linha reta acontece por que os átomos podem declinar em desvio a linha reta por causa do choque ou ricochete. Neste sentido, Marx está defendendo que não é apenas os dois momentos isolados do processo de declinação que vem ser visto: o início o e fim, mas sim o ‘processo’ intermediário no qual a declinação acontece, no qual é possível – na posição epicurista – especular sobre a autonomia da matéria em desviar-se da linha reta. Marx explica com maiores detalhes:

Voltemos nossa atenção agora à análise da própria declinação. Como o ponto é conservado na linha, também cada corpo em queda é conservado na linha reta que ele descreve. Não se trata aqui de uma qualidade específica. Uma maçã descreve, ao cair, uma linha vertical tanto quanto um pedaço de ferro. Cada corpo, na medida em que é concebido no movimento de queda, não passa, portanto, de um ponto em movimento, mais precisamente, um ponto sem autonomia, que renuncia à sua particularidade em uma existência bem determinada – a linha reta que ele descreve (Marx, [1841] 2018, p. 74-75).

Para Marx, afirmando a tese de Epicuro sobre o processo entre os dois momentos da declinação atômica, a repulsão recíproca (Marx, 2018, p. 104) entre átomos que pode (possibilidade) acontecer (abstrata) na declinação devido a causas contingentes (o acaso, ou a conjuntura, acidentalidade²⁴ (Marx, 2018, p. 104), incerteza, eventualidade ou, em termos claros: a possibilidade) pode ocasionar o movimento oblíquo do átomo. Pelo átomo ser a menor partícula da matéria, ele não pode ter uma causa anterior²⁵ (Marx, 2018, p. 77-78) que determine seu movimento para fora da linha reta – caso o determinismo de fato explicasse o comportamento atômico no ‘durante’ a declinação –. Por isso Demócrito se restringe ao momento inicial e final da declinação, expurgando da explicação o ‘percurso’ e o tempo dessa mesma declinação (Marx, 2018, p. 104). Assim Epicuro assume a declinação dos átomos ora para explicar a repulsão entre eles ora para explicar a liberdade e autonomia da matéria – a liberdade do ‘desviar’ (Hansen, 2013, p. 29; Wilson, 2013, p. 10) –, ao contrário de Demócrito, que restringe a declinação atômica como se fosse um fenômeno totalmente determinado pelas leis da física. O que Marx pretendia, ao assinalar contrapontos entre as teorias atomistas de Demócrito e Epicuro, era, entre outros aspectos, investigar possíveis traços da dialética na doutrina deste último. E, nesse propósito, mostra que, enquanto Demócrito, restrito ao conhecimento da necessidade mecânica, nega o acaso, a filosofia epicurista já apresenta elementos dialéticos²⁶ iniciais sobre o acaso, que abria ao homem o caminho para a liberdade (Guedes, 2011, p. 157; Guedes, 2021, p. 182; Hennig, 2021, p. 3; Bartels, 2020, p. 31). A partir desta constatação comparativa, Marx assume a perspectiva epicurista:

Os átomos são corpos puramente autônomos ou, muito antes, corpos pensados como tendo autonomia completa, como os corpos celestes. Por conseguinte, eles também se movimentam, não em linhas retas, mas em linhas inclinadas. O movimento da queda é o movimento da não autonomia. Portanto, quando representou a materialidade do átomo em seu movimento em

²² ‘Declinação’ aparece, nos textos de Epicuro, como movimento oblíquo que decorre da colisão dos átomos. Ou seja, os átomos que mantinham movimento de queda em linha reta, ao se chocarem com outros corpos, elementares ou compostos, são agregados ou repelidos.

²³ *Clinâmen* é o nome latino que Lucrécio deu ao *desvio imprevisível* dos átomos, a partir da doutrina atomista de Epicuro. A *clinâmen*, portanto, explica o acaso.

²⁴ É fundamental entender o exemplo de Epicuro – trazido por Marx – sobre o ‘acidente’ como um momento da ‘mudança’ no/do tempo. Segundo Marx (2018 [1841], p. 104), Epicuro afirma que: “o tempo, excluído do mundo da essência, torna-se a forma absoluta da manifestação. Pois ele é determinado como *accidens* [acidente] do *accidens*. O *accidens* é a mudança da substância em geral. O *accidens* do *accidens* é a mudança enquanto mudança refletida em si mesma, a variação como variação. Essa forma pura no mundo fenomênico passa a ser o tempo”.

²⁵ Segundo Marx (2018 [1841], p. 77-78): “Perguntar pela causa dessa determinação significa, portanto, perguntar pela causa que converte o átomo em princípio – pergunta que evidentemente é absurda para quem considera o átomo a causa de tudo, sendo, portanto, ele próprio *sem causa*” [grifo nosso].

²⁶ Este é um tema polêmico. Para saber mais, ver: Guedes (2011, 2021), Hennig (2021) e Bartels (2020).

linha reta, Epicuro realizou a determinação de sua forma na declinação da linha reta; essas determinações contrapostas são representadas como movimentos frontalmente antagônicos.. [...] pode-se dizer do átomo que a declinação seria aquele algo em seu âmago que é capaz de **contra-atacar e resistir** (Marx, [1841] 2018, p. 76) [grifo nosso].

Logo, a possibilidade (como particularidade abstrata) demonstra como a ação autônoma do pensar (do sujeito sobre o objeto) e o declinar como ação autônoma (do objeto-átomo) é o que pode garantir uma liberdade à determinística relação de causalidade simples. Ao contrário: o que pode ser compreendido como uma “determinação” é a ‘autonomia da matéria’. Assim, o termo “determinação” se distingue da ideia de ‘determinismo’. A determinação é sinônimo de autonomia da vontade proporcionada pela particularidade abstrata que ocorre nos momentos da eventualidade conjuntural. De acordo com essa análise, Albinati (2005, p. 9) afirma que se tem em Epicuro, que o conceito de átomo contém dois momentos: a *determinação material*, expressa na queda em linha reta, que corresponde à forma da existência material dos átomos, e a *determinação formal*, que enquanto *autodeterminação* se expressa num movimento incausado e livre que é a declinação desviante. Esta determinação formal significa a ‘negação de toda relatividade’, ou seja, a afirmação da ‘singularidade pura’. Com esse procedimento, Epicuro nega o determinismo total que Demócrito admite no mundo natural. Assim sendo, Marx sumariza que:

A particularidade abstrata só pode operar seu conceito, sua **determinação** formal, o puro ser-para-si, a independência em relação à existência imediata, a supressão de toda relatividade, abstraindo da existência com que ela se depara; para superá-la verdadeiramente, ela teria de idealizá-la, o que só é possível à generalidade. Portanto, do mesmo modo como o átomo se liberta de sua existência relativa, da linha reta, abstraindo dela, declinando dela, também toda a filosofia epicurista declina da existência limitadora sempre que sua intenção é apresentar a existência do conceito da particularidade abstrata, da autonomia e da negação de toda relação com outra coisa. [...]. Por fim, onde a particularidade abstrata aparece em sua suprema liberdade e autonomia, em sua totalidade, conseqüentemente a existência da qual se declina é toda a existência; por conseguinte, os deuses declinam do mundo e não se preocupam com ele, morando fora dele (Marx, [1841] 2018, p. 78-79) [grifo nosso].

Nesse momento Marx assume a posição ateísta de Epicuro. Nesta passagem, na qual reforça por dedução que os Deuses declinam do mundo e não se preocupam com ele, morando fora dele, ele está dizendo que não há determinismo nem dos seres humanos pelos Deuses. Ou seja, não há nenhum Deus e o destino construímos nós mesmos²⁷ (Marx, [1841] 2018, p. 134). Logo, o ponto de partida para pensar o ser humano é próprio ser humano (ou o sujeito em si e não o objeto). Se os Deuses são perfeitos não haveria o porquê de eles entrarem em relação com seres humanos. Se os Deuses de fato existem, eles são indiferentes aos seres humanos. Assim, não se pode esperar nada dos Deuses. O ser humano é, portanto, produto da própria atividade humana.

Em relação à consequência direta do átomo em se processo de declinação, mais uma vez Marx defende o argumento epicurista quando assume por ‘determinação’ o movimento de liberdade do átomo no encontro com outro (ou seja, na não-relação, ou ainda na imediatez da sua existência que nega a relação com a outra coisa). Se para os átomos a existência relativa não existe – porque são os átomos que se definem por si sós – como, portanto, se explicaria a constituição do mundo em a interação atômica dada pelo desvio da linha reta no processo declinante? Esta tese não pode ser sustentada como verdadeira por motivos lógicos evidentes: o mundo existe devido a interação atômica e a declinação que desvia de linha reta que permite, em sua particularidade/possibilidade, a interação criadora das moléculas. Logo, a determinação dos átomos é a possibilidade de liberdade de interação atômica que

²⁷ Ou ainda, segundo Marx (2018 [1841], p. 134), Epicuro afirma que: “Ou as provas da existência de Deus não passam de provas da existência da autoconsciência humana essencial, de explicações lógicas desta. Por exemplo, a prova ontológica. Que ser tem existência imediata ao ser pensado?”.

autonomamente se faz a medida do desvio produzido pelo próprio átomo (autodeterminado, ou seja, sem causa prévia). Na análise de Marx:

Analisaremos agora a consequência direta da declinação do átomo. Nela está expresso que o átomo nega todo movimento e toda relação em que é determinado por outro como existência específica. Isso é representado de tal modo que o átomo abstrai da existência com que se depara e escapa a ela. Porém, o que está contido nisso, sua negação de toda relação com outra coisa, precisa ser realizado, posto em termos positivos. Isso só pode acontecer na medida em que a existência a que se refere não for diferente de si mesma e, portanto, for igualmente um átomo e, dado que ele mesmo é imediatamente determinado, muitos átomos. Porém, pelo fato de que aqui toda determinação é posta como existência específica, a repulsão seria acrescentada como terceiro movimento aos dois anteriores. [...]. Se os átomos não costumassem declinar, não teria havido nem contragolpe nem entrechoque deles, e o mundo jamais teria sido criado. Pois os átomos são o **único objeto de si mesmos**, só podendo se referir a si mesmos e, portanto, em termos espaciais, chocar-se, negando toda a existência relativa deles, na qual eles se refeririam a outro; e essa existência relativa é, como vimos, seu movimento original, o da queda em linha reta. Portanto, eles só se chocam por declinação desse movimento (Marx, [1841] 2018, p. 81-82) [grifo nosso].

Diante disso uma conclusão marxiana pode ser levantada sobre atomística de Epicuro: se nem mesmo o átomo – menor e indivisível²⁸ partícula da natureza – está totalmente fixada dentro do determinismo das ‘leis da física’, por que então estariam as relações humanas deterministicamente regidas pelas ‘leis da sociedade’? Se os átomos, como partículas físicas, são dotadas de momentos de autonomia em seus percursos declinantes, por que isso seria diferente com os seres humanos na sua capacidade de se autodeterminarem, ou serem livres²⁹? (Oliveira, 2008, p. 263). Vejamos na discreta reflexão de Marx sobre tema:

Na verdade, a particularidade imediatamente existente só se realiza, segundo seu conceito, na medida em que se refere a outro, diferente de si mesma, quando ela se depara com o outro também na forma de existência imediata. Assim, o ser humano só cessa de ser produto da natureza quando o outro a que ele se refere não é uma existência diferente, mas igualmente um ser humano individual, mesmo que ainda não seja o espírito. Para que o ser humano enquanto ser humano se torne seu único objeto real, é preciso que ele tenha rompido dentro de si com sua existência relativa, com a força do desejo e da simples natureza. A repulsão é a primeira forma da autoconsciência; ela corresponde, por conseguinte, à autoconsciência que se concebe como imediatamente existente, abstratamente individual. Na repulsão, portanto, também é realizado o conceito do átomo, segundo o qual ele é a forma abstrata, mas também o oposto desta, ou seja, a matéria abstrata; aquilo a que ele se refere de fato são átomos, mas outros átomos. Se eu me comporto em relação a mim mesmo como se eu fosse um imediatamente outro, meu comportamento é material. É a máxima exterioridade que pode ser pensada. Na repulsão dos átomos, estão sinteticamente reunidas, portanto, a materialidade deles, da queda em linha reta, e sua **determinação** formal, posta na declinação (Marx, [1841] 2018, p. 82).

A observação de Marx sobre a repulsão de duas coisas idênticas (os átomos) pode ser pensada nos mesmos termos para os seres humanos. A identificação do ser humano enquanto tal depende do seu rompimento com a determinística relação que ele tem com a natureza e passa, portanto, a autodeterminar-se enquanto tal no encontro com seu semelhante. Determinação, portanto, tem a ver com a liberdade da autoconsciência, ou em outras palavras, da ‘ciência de si’. Da capacidade libertadora que permite a mudança na contingência do processo de vida no tempo. Neste sentido de determinação inaugurado por Marx, desde a filosofia de Epicuro, não há nada – nem na natureza – que esteja

²⁸ Epicuro expressa isso dizendo que só o átomo qualificado se torna στοιχείον ou só ο ἄτομον στοιχείον [elemento indivisível] é dotado de qualidades (Marx, [1841] 2018).

²⁹ Marx não defende a filosofia de Epicuro em sua integralidade, mas apenas está em consonância com algumas de suas concepções, em especial com a ideia de liberdade.

deterministicamente relacionada a leis imutáveis; pelo contrário, o que há é determinação da natureza e dos seres humanos por eles próprios. Se esta tese epicurista foi capaz de revolucionar o reino dos átomos, Marx faz sua observação sobre o nível em que se encontraria no ‘reino dos seres humanos’ (Perente de Barros, 2019, p. 307). Em Marx:

A declinação epicurista do átomo modificou, portanto, toda a construção interna do reino dos átomos, na medida em que, por meio dela, ganhou relevância a determinação da forma e foi realizada a contradição que reside no conceito do átomo. Por conseguinte, Epicuro foi o primeiro a captar, ainda que de forma sensível, a essência da repulsão, ao passo que Demócrito tomou ciência apenas de sua existência material. Por essa razão, encontramos em Epicuro a aplicação de formas mais concretas da repulsão; no plano político, é o contrato, no social, a amizade³⁰, enaltecida como a coisa mais elevada (Marx, [1841] 2018, p. 83-84).

Assim, a categoria ‘determinação’ se afasta por completo da ideia de ‘determinismo’ sendo praticamente seu oposto. Por determinação deve-se entender a capacidade de uma autoconsciência. É desta autoconsciência sensível que a liberdade é exercida (Smith, 1981, p. 141), pois ela não é refém de nenhum determinismo. Assim, determinação é autoconsciência sensível de que é dotado átomos, mas também os seres humanos no processo de fazer-se no tempo (ambos como sujeitos de si). Pois, é o pensamento determinado por si, pela ciência da autoconsciência que proporciona a capacidade de autodeterminação (seja dos átomos ou dos seres humanos) (Browning, 2020, p. 131). É nesta ciência que a liberdade opera, ou seja, na capacidade de não reconhecer o mundo pelas particularidades empíricas da natureza – como se fosse a soma dessas particularidades observáveis (individuais e abstratas) – mas, sim, na consciência autônoma dos seres humanos (em sua sensibilidade) em dar-lhes sentido de existência (Anzola Moreno, 2019 p. 83). Como Marx destaca:

A diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro, que estabelecemos no fim da parte geral, encontrou-se aprofundada e confirmada em todas as esferas da natureza. Por conseguinte, em Epicuro, a atomística, com todas as suas contradições como a ciência natural da **autoconsciência**, que é princípio absoluto para si mesma sob a forma da particularidade abstrata, foi elaborada e levada a termo até as últimas consequências, que são sua dissolução e o antagonismo consciente ao universal. Para Demócrito, em contraposição, o átomo é apenas a expressão universal objetiva da pesquisa empírica sobre a natureza em geral (Marx, [1841] 2018, p. 125) [grifo nosso].

Logo, a autoconsciência dos seres humanos sobre si e sobre o seu destino é que os livra do determinismo da causação simples. A determinação assim compreendida por Marx na leitura de Epicuro está diretamente ligada ao exercício da liberdade de autodeterminar-se, e, claro, com as implicações políticas (Labelle, 2020, p. 151) deste fato: se a mudança é possível tanto na natureza (diante das leis físicas) assim como na vida social (diante das leis sociais), não há nada perene que não possa ser mudado e não há nada de fixo que não possa ser alterado. Assim, como reforça Bastos (2017, p. 106) Epicuro não é, portanto, mecanicista e, assim sendo, o seu materialismo (Foster, York e Clark, 2008, p. 4), aos olhos de Marx, ajuda a descartar o materialismo do século XVII pelos excessos mecanicistas e, finalmente, pelo determinismo.

³⁰ A política que Epicuro defende é o conceito de amizade (*amicitia*) para a organização social. Esse conceito para Epicuro ultrapassa o sentido interpessoal. Ele assume dois diferentes sentidos: um estado social que precede a corrupção pela organização em Estado civil, além de compreender também um sentido de companheirismo, tal como era vivido nos jardins de Epicuro. Logo, é possível que Marx, ao se remeter a Epicuro nestes fragmentos da tese, poderia ter como pano de fundo essa visão política de Epicuro.

Considerações finais

No debate com o campo da saúde coletiva fica evidente, depois da análise detalhada da tese de doutorado de Marx, que a ideia de ‘determinantes’ consolidada na saúde de uma maneira geral, advém da compreensão sobre o ‘determinismo’ e sua lógica de causação simples. Essa crítica é possível de ser feita a partir da compreensão da atomística epicurista e seu princípio das sensações como condição da produção de conhecimento verdadeiro sobre o mundo (seja natural ou social). A perspectiva epicurista, está localizada em um debate filosófico importante sobre os “momentos da autoconsciência”, ou seja, a busca incessante dos filósofos da época em entender como que se garante a liberdade do pensamento, ou em outras palavras, a extirpação de qualquer determinismo das coisas e do pensar sobre o mundo.

Assim, é que se entende a autoconsciência como a liberdade da razão, colocando-a em consonância com os propósitos do idealismo ativo, diante de uma realidade material (materialismo) que tem que se somar com a sensação da alma para explicar o mundo. Só assim, para Epicuro, o material pode ser compreendido como a ‘absoluta imanência’ e a ‘autodeterminação do ser por si’. A aparência (empírica) e manifestação objetiva (material) em Epicuro pouco importam se não passam pela sensação do sujeito em desocultar a essência da coisa material.

Para Demócrito, a aparência do mundo sensível é subjetiva, pois os verdadeiros princípios são: o átomo e o vácuo e, tudo o mais é opinião (*doxa*). Para Epicuro a dogmática toma o mundo como manifestação objetiva. Demócrito emprega a necessidade como fonte da causalidade e Epicuro considera que o acaso também pode ser definidor da relação de causalidade. Neste caminho, Demócrito faz intervir a necessidade como determinante, irremediavelmente. A ‘necessidade relativa’ de Demócrito é, em última instância, orientadora do que está determinado (Hegel, 2011, p. 39; Guimarães, 2018, p. 6; Basso, 2009, p. 73), ou ainda, é causa determinante, não abrindo espaço para o acaso, para o contingente (Althusser, 2015, p. 11; Spencer, 2014, p. 12), para o acidente, para a possibilidade, para a liberdade. Logo, para Demócrito a matéria está sob o jugo do determinismo absoluto. Já em Epicuro, ela tem autonomia na sua condição de existência (vide os processos oblíquos de declinação).

Assim, a determinação é sinônimo de autonomia da vontade proporcionada pela particularidade abstrata que ocorre nos momentos da eventualidade conjuntural. A determinação material, expressa na queda em linha reta, que corresponde à forma da existência material dos átomos, e a determinação formal, que enquanto autodeterminação se expressa num movimento sem causa e livre tem como confirmação a declinação desviante. Esta determinação formal significa a ‘negação de toda relatividade’, ou seja, a afirmação da ‘singularidade pura’. Com esse procedimento, o argumento epicurista assume por “determinação” o movimento de liberdade do átomo no encontro com outro.

Logo, a tese levantada pela saúde coletiva sobre os determinantes sociais da saúde, não passa de uma visão maniqueísta e positivista da compreensão sobre a relação entre os fenômenos sociais. Baseada no determinismo da causação simples, de origem democrática, os ‘determinantes’ ajudam a fragmentar, a reduzir a existência à necessidade relativa, encaixando os fatos biomédicos ou sociais nas “leis das ciências naturais”. O determinismo dos ‘determinantes’ reforça a compreensão da força da estrutura social em ditar o fim (ou a finalidade, ou ainda o ‘término’) das relações sociais com as implicações políticas deste fato: se as causas são determinantes, não há espaço para mudança, apenas para o imobilismo (Ledwith, 2023, p. 4).

Já a determinação, portanto, tem a ver com a liberdade da autoconsciência, ou em outras palavras, da ‘ciência de si’. A categoria ‘determinação’ se afasta por completo da ideia de ‘determinismo’. Por determinação deve-se entender a capacidade da autoconsciência de que é dotado dos seres humanos no processo de fazer-se no tempo. Determinação é a possibilidade de autodeterminar-se, de assumir a autonomia e a liberdade da existência sem a relação a algo que o defina ou o determine. É esse conceito que o marxismo reivindica na saúde coletiva com o termo “determinação social da saúde”. É este conteúdo sobre ‘determinação’ que está encerrada no seu conceito. Então, portanto, é

um equívoco grosseiro, imputar ao conceito de Determinação Social da Saúde à ideia de determinismo, como também é um deslize lastimável acusar Marx como um “determinista econômico”. Se alguns ‘marxismos’ foram deterministas, isso é possível de se argumentar sobre... mas, como demonstrou-se neste texto, Marx nunca foi um determinista.

Referências

- ADAM, Philippe; HERZLICH, Claudine. Os estados de saúde e seus determinantes sociais. In: ADAM, Philippe; HERZLICH, Claudine. *Sociologia da doença e da Medicina*. Bauru, SP: EDUSC, 2021. p. 49-67.
- ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ALBINATI, Ana Selva. O jovem Marx. *Sapere Aude*, v. 9, n. 18, p. 21-39, 2018.
- ALBINATI, Ana Selva Castelo Branco. Marx, leitor de Demócrito e Epicuro. *Verinotio. Revista Online de Filosofia e Ciências Humanas*, v. 3, ano II, p. 1-30, 2005.
- ALMEIDA-FILHO, Naomar. *O que é saúde?*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.
- ALMEIDA-FILHO, Naomar. Mais além da determinação social: sobredeterminação, sim!. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 12, p. e00237521, 2021.
- ALTHUSSER, Louis. The Stoics and Epicurus: Extract from *Être marxiste em philosophie*. *Diacritics*, v. 43, n. 2, p. 10-14, 2015.
- ANDRIEU, Bernard. *A Nova Filosofia do Corpo*. Portugal: Instituto Piaget, 2024.
- ANZOLA MORENO, Johan Nicolás. La tesis doctoral de Marx. *Cuadernos de Filosofía Latinoamericana*, v. 40, n. 121, p. 77-93, 2019.
- ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. Condições socioeconômicas em saúde: a discussão de dois paradigmas. *Rev Saúde Pública*, v. 42, n. 3, p. 562-567, 2008.
- ÁVALOS TENÓRIO, Gerardo. *Cuerpo y poder*. UAM-X. Division de Ciencias Sociales, 2022.
- BALABAN, Oded. The hermeneutics of the young Marx according to Marx's approach to the philosophy of Democritus and Epicurus. *Diogenes*, v. 37, n. 148, p. 28-41, 1989.
- BARTLES, Dennis. Dialectical Materialism and Quantum Processes. *Cultural Logic: Marxist Theory & Practice*, v. 24, p. 30-36, 2020.
- BASSO, Luca. Marx: quale libertà? *Quaderni Materialisti*, n. 7/8, p. 69-87, 2009.
- BASTOS, Roberto Kennedy de Lemos. *Marx e o clinâmen: gênese do materialismo?* 2017. 115f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Bahia.
- BERGER, Peter L. *Perspectivas sociológicas – uma visão humanística*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BREILH, Jaime. *Epidemiologia crítica: ciência emancipadora e interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- BREILH, Jaime. A categoria determinação social como ferramenta emancipatória: os pecados da “expertise”, no que diz respeito ao viés epistemológico de Minayo. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 12, p. e00237621, 2021.
- BROWNING, Gary K. Marx's Doctoral Dissertation: The Development of a Hegelian Thesis. In: BURNS, Tony et al. (Eds.). *The Hegel-Marx Connection*. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2000. p. 131-134.
- BUSS, Paulo Marchiori; PELEGRINNI-FILHO, Alberto. A Saúde e seus determinantes sociais. *Physis: Rev Saúde Coletiva*, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007.
- CANESQUI, Ana Maria. *Dilemas e desafios das ciências sociais na Saúde Coletiva*. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Abrasco, 1995.
- CARNUT, Leonardo; MENDES, Áquilas Nogueira; GUERRA, Lúcia Dias da Silva ;De qué 'promoción de la salud' estamos hablando? una crítica marxista a la reorientación hacia un horizonte estratégico. *Interface (Botucatu)*, v. 27, p. e220255, 2023.
- CATANI, Afrânio Mendes. *O que é capitalismo*. Ed. Brasiliense: São Paulo, 2007.
- COLLIN, Dennis. Epicuro e a formação do pensamento de Karl Marx. *Politeia: Hist. e Soc.*, v. 6, n. 1, p. 15-27, 2006.
- CORDEIRO, Michel Gonçalves. Materialismo e dialética na tese de doutoramento de Marx. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador*, v. 14, n. 2, p. 512-527, 2022.

CORREIA, Daniele; CARNUT, Leonardo; MENDES, Áquilas Nogueira. La determinación social del proceso salud-enfermedad en el contexto latinoamericano: la aportación de Oliva López-Arellano. *Revista Gerencia y Política de Salud*, v. 22, p. 1-20, 2023.

CORREIA, Daniele; MENDES, Áquilas Nogueira; CARNUT, Leonardo. Determinação social do processo saúde-doença no contexto latino-americano: a importância do pensamento crítico em saúde. *Crítica Revolucionária*, v. 2, p. 1-24, 2022.

DAGOGNET, François. *O corpo*. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

DAMÁSIO, Marcos Roberto. Demócrito e Epicuro na tese doutoral (1841) de Marx. *Kalagatos*, v. 15, n. 3, p. 81-115, 2021.

DOLAR, Mladen. The Atom and the Void – from Democritus to Lacan. *Filozofski vestnik*, ano XXXIV, n. 2, 11-26, 2013.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de filosofia*. 5a. ed. Campinas, SP: Papirus, 1993.

FOSTER, John Bellamy; YORK, Richard; CLARK, Brett. Marx's Critique of Heaven and Critique of Earth. Monthly Review Online. 2008. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2008/10/01/marxs-critique-of-heaven-and-critique-of-earth/>. Acesso em: 5, jan. 2025.

GIDDENS, Anthony. A sociologia do corpo, da saúde e do envelhecimento. En: Giddens, A. *Sociologia*. São Paulo: Atlas, 2000. p. 95-105.

GONDIM, Antônio Beethoven Carneiro; PINTO, Antonia Cláudia Prado. Epicuro e Hegel como Fundamentos da Tese de Doutorado de Marx. *Revista Brasileira de Educação e Cultura*, v. 1, ano XIX, p. 1-38, 2019.

GUIMARÃES, Leonardo Ferreira. A dialética entre o método e a realidade: um projeto para organizar a contradição. 2018. Disponível em: <https://sep.org.br/anais/Trabalhos%20para%20o%20site/Area%201/11.pdf>. Acesso em: 5, jan. 2025.

GUEDES, Olegna. Referências do jovem Marx à liberdade: introdução à ética marxista. *Humanidades & Inovação*, v. 8, n. 57, p. 178-193, 2021.

GUEDES, Olegna de Souza. A liberdade em obras do jovem Marx: referências para reflexões sobre ética. *Revista Katálisis*, v. 14, n. 2, p. 155-163, 2011.

HABER, Stéphane; RENUALT, Emmanuel. Analyse marxiste du corps. *Actuel Marx*, v. 1, n. 41, p. 14-27, 2007.

HANSEN, Bue Rübner. *Atoms organised: on the orientations of theory and the theorisations of organisation in the philosophy of Karl Marx*. 2013. 398f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Queen Mary University of London.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Ciencia de la lógica. volúmenes 1 y 2*. Edición de Félix Duque: Universidad Autónoma de Madrid, 2011.

HENNIG, Boris. What Sort of Kinetic Materialism Did Marx Find in Epicurus?. Monthly Review Online. 2021. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2021/04/01/what-sort-of-kinetic-materialism-did-marx-find-in-epicurus/>. Acesso em: 5, jan. 2025.

HESSEN, Johannes. Teoria do conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HIDALGO TUÑÓN, Alberto. Philosophical materialism. *Eikasia, Revista de Filosofía*, v. 2, p. 1-5, 2006.

HUBERMAN, Léo. A história da riqueza do homem. 21. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

IANNI, Áurea Maria Zöllner. Saúde Coletiva e historicidade do conhecimento: teoria, interdisciplinaridade e o sujeito contemporâneo. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 12, p. e00227521, 2007.

LABELLE, Gilles. Marx, lecteur d'Épicure. *Cahiers Société*, v. 2, p. 151-170, 2020.

LEDWITH, Sean. The birth of dialectics in Ancient Greece. Monthly Review Online. 2023. Disponível em: <https://mronline.org/2023/09/02/the-birth-of-dialectics-in-ancient-greece/>. Acesso em: 5, jan. 2025.

- LÓPEZ-ARELLANO, Oliva. Determinación social de la salud: desafíos y respuesta. *Divulgação em Debate*, v. 49, p. 150-156, 2013.
- LÖWY, Michael. *Ideologias e ciências sociais: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 2010.
- LUZ, Madel Therezinha. Novas realidades em saúde, novos objetos em ciências sociais. In: CANESQUI, Ana Maria. Dilemas e desafios das ciências sociais na Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Abrasco. 1995. p. 79-85.
- MANSUKHANI, Kiran Pizarro. The Anti-radical Classicism of Karl Marx's Dissertation. In: UMACHANDRAN, Mathura; WARD, Marchella. *Critical Ancient World Studies: the cases of forgetting classics*. United Kingdom: Routledge, 2024. p. 234-251.
- MARCONDES, Danilo. A Verdade. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- MARX, Karl. Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro. São Paulo: Boitempo, 2018.
- McIVOR, Martin. The Young Marx and German Idealism: Revisiting the Doctoral Dissertation. *Journal of the History of Philosophy*, v. 46, n. 3, p. 395-419, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Determinação social, não! Por quê? *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 12, p. e00010721, 2021.
- MOTA, Paulo Henrique Pereira. Em busca do materialismo perdido: a tese de doutorado de Karl Marx. *Revista Angelus Novus*, v. 14, p. 139-161, 2018.
- MOURA, Wellington de Lucena. A crítica da religião na obra do jovem Karl Marx. *Cadernos Cemarx*, v. 2, p. 141-146, 2005.
- MÜLLER, Ernst. Totalität. Goethe Universität Frankfurt am Main. 2025. Disponível em: https://publikationen.ub.uni-frankfurt.de/frontdoor/index/index/year/2022/docId/68546__ Acesso em: 5, jan. 2025.
- OLIVEIRA, Renato Almeida. Considerações acerca da liberdade e da ética na tese a diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro de Karl Marx. *Polymatheia. Revista de Filosofia*, v. 4, n. 6, p. 251-265, 2021.
- PERENTE DE BARROS, Thales. O tema da política no epicurismo: um raciocínio pautado pela práxis. *Revista Primordium*, v. 4, n. 8, p. 295-312, 2020.
- PESSOA JÚNIOR, Osvaldo. A classificação das diferentes posições em filosofia da ciência. *Cognitio-Estudos. Revista Eletrônica de Filosofia*, v. 6, n. 1, p. 1-73, 2009.
- PIKE, John. Snapping the bonds: Marx and antiquity in the earliest writings, *Critique: Journal of Socialist Theory*, v. 29, n. 1, p. 124-135, 2001.
- PLANINC, Zdravko. Marx on Epicurus: Much Ado About Nothing. *Dionysius*, ano XI, p. 111-145, 1987.
- RANCADORE, Maria Antonia. Karl Marx e “il regno della libertà”. *Materialismo Storico*, v. 1, ano XVI, p. 184-198, 2024.
- RECH, Moisés João; TAUFER, Felipe. Marx, Karl. Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro. *Conjectura: filosofia e educação*, v. 24, p. e019031, 2019.
- REYES, Hayled Martín. Marx y las categorías fundamentales de la libertad. *Vorágine: Revista Interdisciplinaria de Humanidades y Ciencias Sociales*, v. 3, n. 5, p. 20-38, 2021.
- ROBERTS, Michael. *The long Depression*. Cambridge: United Kingdom, 2006.
- ROCKMORE, Tom. Is Marx a materialist? *Epistemology & Philosophy of Science*, v. 55, n. 3, p. 62-75, 2018.
- SAMAJA, Juan. *A reprodução social e a saúde*. Salvador Ed. Quali, 2000.
- SILVA, Henrique Legal. *Processo de formação do pensamento de Marx*. 2024. 30f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Uberlândia.

- SMITH, G. W. Sinful science? Marx's theory of freedom from thesis to theses. *History of Political Thought*, v. 2, n. 1, p. 141-159, 1981.
- SPENCER, Joseph M. Left Atomism: Marx, Badiou, and Althusser on the Greek Atomists. *Theory & Event*, v. 17, n. 3, p. 1-22, 2014.
- STANLEY, John. The Marxism of Marx's Doctoral Dissertation. *Journal of the History of Philosophy*, v. 33, n. 1, p. 133-158, 1995.
- TAVARES, Clotilde. A matriz invisível da saúde. In: TAVARES, Clotilde. *Introdução à visão holística*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 76-92
- TEIXEIRA FILHO, Francisco Luciano. O Epicuro de Marx: considerações sobre a controvérsia ao redor da Clinamen. *Intuitio*, v. 4, n. 1, p. 61-74, 2011.
- TURNER, Jonathan. *Sociologia – conceitos e aplicações*. São Paulo: Makron Books, 2000.
- VAN REE, Erik. Productive forces, the passions and natural philosophy: Karl Marx, 1841-1846. *Journal of Political Ideologies*, v. 25, n. 3, p. 274-293, 2020.
- VANDENBERGHE, Frédéric. Globalização e individualização na modernidade tardia. Uma introdução teórica à sociologia da juventude”. *Mediações. Revista de Ciências Sociais*, v. 19, p. 292-343, 2014.
- VIEIRA, Júlia Lemos. Jovem Marx: um esboço de uma filosofia da história e um republicanismo peculiar. *Griot: Revista de Filosofia*, v. 16, n. 2, p. 334-351, 2017.
- WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais – volume I*. 4a. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- WILSON, Margot. *Marx and the Epicurean Swerve*. 2013. 24f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Birkbeck College, University of London.
- КУЗНЕЦОВ, В. А. Карл Маркс: обращение к текстам древнегреческой философии и образам античной истории Вестник Челябинского государственного университета. *Философские науки. Вып.* v. 48, p. 102-108, 2018.
- ХУН, Чжао. О развитии взглядов К. Маркса на историческую свободу. *Общество: философия, история, культура*, v. 5, p. 102-106, 2022.

Contribuição dos(as) autores(as) / Author's Contributions: a) Leonardo Carnut trabalhou desde a idealização do problema, na compilação dos dados, na sistematização do texto da tese de Marx em relação aos conteúdos da saúde coletiva; Daniele Correia trabalhou na idealização do problema, na organização do texto em relação aos conteúdos da saúde coletiva e na leitura crítica do mesmo; Anna Lidia Beltrán Marín trabalhou na correção de conteúdo e de estilo do texto, na organização das ideias nos sistemas filosóficos e na discussão do conteúdo e Yohanka León del Río trabalhou na correção de conteúdo e de estilo do texto, na organização das ideias nos sistemas filosóficos e na correção da versão final do artigo. Ambos(as) aceitaram e aprovaram a versão final do texto.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Leonardo Carnut. leonardo.carnut@fm.usp.br
